

Cottinelli Telmo, *Jardim da Praça do Império*. [dact.], p. 1, espólio Cottinelli Telmo - IHRU: Arquivo Pessoal de José Cottinelli Telmo - (na capa, manuscrita, contém a indicação “Memória que fiz mas não enviei. T.”).

- 1) - O Jardim da Praça do Império tem a sua história. Convém fixá-la. O Arquiteto Vasco de Lacerda Marques fez um projeto do referido Jardim numa altura em que o plano da Exposição do Mundo Português não estava ainda definido. Na qualidade de Arquiteto-Chefe desta Exposição tentei conciliar esse projeto com os interesses do certame, procurando introduzir-lhe fontes luminosas e outros motivos que porventura não permaneceriam, mas que eram indispensáveis ao êxito da Exposição.

Do estudo feito conclui-se que era impraticável conciliação desejada, acrescentando que, quem superiormente devia decidir da aprovação do projeto para o futuro, julgou dispendiosa a “conservação” permanente do primeiro jardim projetado, não sem deixar de render homenagem aos reais méritos do projeto e do seu Autor, homenagem a que me associo.

À circunstância de eu desempenhar atualmente as funções que desempenho e de consagrar toda a minha atividade à Exposição do Mundo Português e aos problemas que mais ou menos diretamente a ela estão ligados, se deve o ter aceitado o encargo de projetar rapidamente um novo jardim, o que foi compreendido pelo Arquiteto Vasco de Lacerda Marques.

Fiz um primeiro estudo. Este estudo foi analisado por S. Ex.^a o Senhor Ministro das Obras Públicas e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, entidade a quem se ficará devendo a realização do Jardim da Praça do Império.

Numa sessão, na Câmara Municipal de Lisboa, que durou das dez horas da manhã às três da madrugada, fiz uma perfectiva à mão livre que vai junta a este processo e que conservei na sua expressão de esboço inacabado, como documento.

Esta perfectiva, baseada no estudo da planta que anteriormente apresentara, serviu de base à discussão de alguns pontos que se nos apresentavam duvidosos.

O Senhor Ministro das Obras Públicas, Eng.^o Duarte Pacheco – que esteve sempre presente, acompanhado do Senhor Presidente da Câmara, Eng.^o Rodrigues de Carvalho, do Comissário Adjunto da Exposição, Eng.^o Sá e Melo – colaborou com sugestões e comentários ao trabalho, coadjuvado pelo Senhor Eng.^o Jorge Gomes de Amorim, Chefe da Repartição de Jardins da CML.

Desta sessão resultou, por assim dizer, a aprovação do projeto junto, cujos pormenores e acertos foram resolvidos posteriormente.

- 2) - O jardim deveria ser de uma grande simplicidade. Ter inteireza. Só assim conseguiríamos dar-lhe um ar nobre que dissesse bem com os Jerónimos e com os dois grandes edifícios a construir de futuro, no lugar onde hoje se erguem o “Pavilhão de Honra e de Lisboa” e o dos “Portugueses no Mundo” e naturalmente com idênticas dimensões e proporções.

Nada de retalhos, de jardim público de bairro insignificante.

- 3) - De conservação pouco dispendiosa, dada a sua grande área. Grandes relvados, zonas de lajedo e de empedrado à portuguesa. Uma moldura larga e simples um centro rebaixado a 1,20m aproximadamente de profundidade (por não poder ser mais, devido ao nível de esgotos existentes) com duas zonas laterais de estar, constituídas por maciços de "*Ulmus pendula*" que formam "pérgulas". Ao centro um grande lago quadrado, de 46 metros de lado construído especialmente para a Exposição, mas que naturalmente ficará para o futuro, possivelmente modificado e enriquecido. Dois lagos retangulares formam a frente do jardim e acompanham a Avenida da Índia, mas estes talvez sem carácter definitivo. Para evitar as habituais estátuas de grandes homens lembrei-me que os motivos ornamentais poderiam ser os indicados nos cortes: os cavalos de Neptuno. Dos quatro motivos ao fundo da Praça falarei mais adiante.
- 4) - Árvores, arbustos, etc. Muito embora o fundo da Praça seja constituído por um todo assimétrico (Jerónimos e dormitório), sem eixo e de interesse muito variável, segundo a extensão, não conviria escondê-lo; mas era necessário, por outro lado, que houvesse sombras, embora não contínuas. Por esta razão, e para subdividir a grande dimensão poente-nascente da Praça (260 metros), colocaram-se apenas dois renques de árvores em cada uma das duas ruas junto dos edifícios laterais. O espaçamento das árvores (12 metros) dá lugar a que elas não cortem a visão destes últimos nem atravanquem demasiadamente a Praça, e canalizem a vista no enfiamento de eixo que tem por fundo a porta dos Jerónimos.

Além destas árvores existem:

- a) Ciprestes, para cortarem a horizontalidade da composição (6 a 7 metros de altura).
- b) Arbustos talhados em cone de vértice arredondado, com 2,50m de altura e 1,60m de diâmetro.
- c) Arbustos talhados em bola com 0,90/1,00m de diâmetro e com pé de 0,50m (do chão à base).
- d) "*Ulmus pendula*" a que já nos referimos, com os troncos colocados segundo uma malha quadrada de 3m de lado. O seu crescimento permitirá suprimir, de futuro, a fiada central, no sentido da menor dimensão de pérgula, e reduzir a metade o número de árvores no sentido da maior. Numa palavra: os troncos ficarão distanciados de 6m, em vez de 3m como indica a planta.
- e) Sebes. Terão 0,80m de largura e 0,50m de altura.
- f) Flores. Duas grandes faixas ao longo dos lagos retangulares; pequenos maciços do lado norte e os taludes que separam os dois níveis do Jardim completamente revestidos de flores.
É possível que, durante a execução do Jardim, se reconheça a necessidade de fazer pequenas correções e uma delas poderá consistir na introdução de mais zonas de flor.
- g) Lajedo, empedrados, etc. Embora venha a ser mais caro, acho que é indispensável que as lajes sejam de dimensões variadas, sim, mas de grandes dimensões, afetando formas retangulares, combinadas no espírito do projeto (estudo a apresentar).

Julgo que a circunstância de se fazer, por uma vez, uma despesa maior, justificaria o empregar-se o material que seria para desejar, na minha opinião.

Nos patins superiores das escadas o lajedo é perfeitamente regular, os degraus das escadas serão constituídos por um espelho de lancil, com 0,20 de largura por 0,15 de altura, e o piso por lajes.

Os tapetes de relva ou flores são sempre limitados: ou por um lancil de 0,20 de largura 4cm de vista acima do chão (a altura real será a que se quiser) – ou pela aresta do lajedo – ou pelos dois combinados.

- 5) - Para não alongar esta memória desejo deixar bem expresso o seguinte: a ideia de se fazer uma Praça do Império que tivesse por fundo os Jerónimos pertence ao Senhor Ministro das Obras Públicas. Suponho que, sob esta sugestão, o Arquitecto Vasco de Lacerda Marques se não limitou a projetar apenas um jardim para essa Praça, mas estabeleceu também as linhas gerais dela, fixando arruamentos e determinando as dimensões dos edifícios laterais que deviam fechar a poente e a nascente. Foi segundo essas diretrizes preestabelecidas, e para efeito da Exposição do Mundo Português, que projetei o Pavilhão dos Portugueses no Mundo e o Arquitecto Professor Cristino da Silva projetou o de Honra e Lisboa, ambos obedecendo a diretrizes “de pormenor” que fixei. Quer dizer: tem havido, alternada e sucessivamente, uma série de conciliações, ora tomando-se por ponto de partida o efeito futuro, ora modificando este em relação a sugestões que no presente ocorrem.

Seja como for, não fiz mais do que integrar-me em, [n]ormas gerais já anteriormente estabelecidas, e esta observação vem simplesmente para dizer que no presente projeto se não contou com quaisquer eventuais novas soluções que – quem sabe? – possam vir a surgir de futuro em relação à Praça.

A Praça do Império ficará sendo uma praça aberta ao Tejo, como é o Terreiro do Paço. Embora de forma sensivelmente quadrada não pode admitir, como o admitiria o Rossio, dois eixos perpendiculares de simetria, embora possa e deva ter dois eixos perpendiculares de simetria, para ser “Praça”, para ser monumental. O eixo poente-nascente aproxima os eixos dos pavilhões laterais, em oposição; mas o eixo sul-norte não conduz a coisa nenhuma do lado norte, não corresponde a um eixo – ainda que não fosse o principal – do bloco do fundo.

Foi por esta razão que tentámos criar um fundo ao próprio Jardim, fundo constituído por quatro elementos que se antepõem à fachada do dormitório ao norte, e ao mesmo tempo procuram representar um fecho do Jardim e atirar para um plano secundário o fundo descentrado do dormitório. Ao passo que o eixo poente-nascente cria um enfiamento que podia não ter limites, o eixo sul-norte encontrou desta forma o seu terminus lógico.

Estes quatro elementos – que simbolizariam por meio de baixos relevos, quasi de ordem arquitetónica – a Fé, a Navegação e a Conquista e a consagração, pela crónica ou pelo poema, dos feitos portugueses (ideia a desbravar) seriam como que uma homenagem da nossa época aos tempos passados e daria um pretexto a uma cerimónia, a quando da inauguração da Praça.

JARDIM DA PRAÇA DO IMPÉRIO

ÍNDICE DAS PEÇAS DO PROJECTO

- 1) – Memória.
- 2) – Planta de conjunto. Escala 1:1000
- 3) – Perspetiva.
- 4) – Planta parcial – Lado dos Jerónimos 1:200
- 5) – Planta parcial (1/4 noroeste) 1:100
- 6) – Planta parcial (1/4 sudoeste) 1:100
- 7) – Planta do lado nascente (1:100) junto ao Pavilhão de Honra da Exposição do Mundo Português.
- 8) – Cortes

Pormenores em preparação para acrescentar a este processo.

O ARQUITETO